

Meu caro Vianna,

Lendo tua carta ultima senti não ser millionario desses que podem realizar todas as phantasias. Fosse e te havia de contratar, com um regio salario, para uma longa serie de viagens comparativas que te servissem de preparo ou apuramento do senso da escala.

A escala, como a vemos nos mappas geographicos, nos permite avaliar tamanhos com precisão e nos inocula o senso das proporções entre os paizes. É facil de ser apprehendida porque material. Mas como exige altas e raras qualidades de espirito o uso de escala, quando pulamos para os dominios da sociologia, da psycologia e outras sciencias não mathematicas!

Nada tenho admirado tanto na America como a precisão da escala em todos os fields que está caracterizando a mentalidade dos estudiosos e o cuidado com que nelles se controlam para não errar nessa medida. Ahi vejo o contrario. Deformidade em tudo pelo absoluto descaso de escalas. Inda agora recebi um livro de viagens dum jornalista, Luiz Amaral, que circulou pelo Brasil, Paraguay, Argentina e visinhanças. A conclusão é typica. Conta dum anjo que fugiu do ceu e se escondeu no Brasil. Um dia S. Pedro encontrou-o e quiz recambial-o para a celeste mansão.

"Eu voltar para lá? responde o anjo. Nunca. "aqui não são mais.

Céo é uma universal expressão para designar o superlativo da excellencia e um anjo que prefere o nosso paiz ~~o~~ elle ipso-facto o classifica como o hyper-ceu.

Essa capacidade de illusão do brasileiro está me impressionando seriamente. Parece mal collectivo, gravissima doença dalguma glandula. Vemos errado as nossas e as alheias coisas. Somos daltonicos. E insistimos nisso e desprezamos - insultando - todos os warnings do bom senso.

Cornelio Pires conta duma aldeia de papudos somewhere nas profundas de Goyaz. Toda a população, sem excepção, ostentava succulentos papos. De visita a uma familia, elle, Cornelio, viu na parede ~~uma~~ photographia dum moço sem papo. "Quem é?" pergunta. "Ah, é o pobre do nosso filho Toninho quando era doente," isto é, quando não tinha papo.

Ter senso exacto das realidades entre nós, ter o senso da escala, ter horse sense, em summa, é hoje ser doente no Brasil. Acabei de verificar isto inda uma vez com o caso da Miss Brasil.

Essa menina, aliás insignificante, veio para cá e passou completamente inapercebida do publico e dos jornaes - e nem havia razão para o contrario. O tal concurso de belleza de Galveston, a que concorreu, era uma bricadeira local, promovida pela camara de commercio dessa pequena cidade para fins commerciaes. Não sem importancia que nós aqui da colonia só sabiamos delle pelos jornaes do Brasil, visto como os jornaes de N.Y. nunca deram uma palavra a respeito. Pois bem: esse NADA que caracterizou a estadia da menina aqui foi transformado ahi na mais fulgurante das apotheoses. Corri os olhos durante um mez no O JORNAL e no gravebundo O ESTADO e me assombrei da extensão e riqueza de inventiva dos tres jornalistas vindos com ella que cosinham a féerie.

Acredite, meu caro: nunca, em tempo algum, foi um paiz de 40 milhões empulhado e mystificado at such extent. NADA HOUVE DO QUE FOI TELEGRAPHADO. Não se trata de um caso de exagero jornalistico, de



de ampliação, de excesso de adjectivos. Nada disso. Trata-se de mystificação, da pura, da inédita. Foram phantasiando á vontade e telegraphando as petas - e não houve jornal nosso que não abrisse toda a primeira pagina á indecente pilheria.

Nós que formamos a colonia brasileira em New York e estavamos a lidar com a menina abriamos a bocca, de assombro, a cada numero de jornal recebido.

Pois escandalo chegou a ponto que a Liga contra a Tuberculose(?), a da Defeza Nacional e outras planearam uma manifestação ao embaixador americano para agradecer aos E.U. na pessoa d'elle as mirificas homenagens que a menina estava recebendo aqui, e o pobre homem, avisado pelo State Departament de que tudo não passava de um fake, viu-se forçado a simular um caso de urgencia e fugir para a Europa - para evitar o immenso ridiculo dessa manifestação publica e espectacular que lhe ia agradecer uma cousa que jamais existiu: recepção de Miss Brasil em New York.

O que me impressionou no facto foi a impunidade absoluta com que ~~este~~ a mystificação foi levada a cabo, in spite de cartas e telegrammas daqui remettidos denunciando a pilheria. Ninguém deu tento a estes avisos e ninguém procurou ver atravez dos jornaes americanos o que havia de verdade no caso. Se o fizessem veriam que NENHUM JORNAL DA AMERICA DEU UMA PALAVRA A RESPEITO, pela muito clara razão de que NADA houve.

E o caso fica por isso. Diga-me: não é isto sypmtoma de algo wrong algo rotten na Dinamarca?

Os somos collectivamente bobos alegres ou uma doença nos força ao uso destes dopes. Queremos morphinas, que nos ponham longe da dura realidade. Estamos, como povo, em ponto de bala para pegar um vicio que a China está largando, o opio.

O effeito em mim de dois annos de seriedade americana, de senso da realidade, da escala, etc tornaram-me já inapto para a leitura dos nossos jornaes. Chocam-me de tal maneira, revelando na menor noticia symptomas do mal collectivo, que definitivamente os supprimi do meu programma. Leio todas as manhãs o Times e leio-o com avidéz, tanto me seduz o perfeito equilibrio desse admiravel paper, e aconselhar-te-ia a tomares uma assignatura da edição domingueira. Para te abrir o appetite vou te enviar o numero do proximo domingo. Cústa apenas \$6, como verás do clipping incluso.

Perguntas-me do movimento mental da America... E' assumpto vasto demais para caber em carta. Apenas te direi que se leres o livrinho de Kilpatrick, um dos 3000 professores da Columbia University, perto da qual eu moro, medirás por elle como está sublimado o pensamento dos estudiosos da America. Kilpatrick marca um grau a que numero dos outros mestres tem attingido e que constitue o aim de todo estudioso americano. Vê que senso de escala elle demonstra e dize-me se pode haver em qualquer paiz europeu pensamento mais puro ^{de} tendencias e vicios.

E sabes quem me deu esse livrinho? Este mundo!... Uma mineira, uma professora mineira do lote que o Antonio Carlos mandou cá fazer um curso na Columbia.

Não disponho de tempo, meu caro, para altos estudos. Já passei da idade. O Cerebro está duro e o tempo que me resta a viver tem que ser dado a coisas economicas. Em vista disso limito-me em materia de leituras ao Times e a algum livro do dia de grande successo. Talvez por isso estou a prosperar economicamente. Já sou director da Brazilian Enterprizes Company, que começou com o projecto duma chain de Coffee Houses e tem outros objectivos em estudo. A primeira casa já funciona bom optimo lucro ha 4 mezes, como verás do mataborrão incluso, a segunda abre-se em Setembro proximo e em outubro esperamos abrir a terceira. Possuo tambem 200 acções dum campo de petroleo in-da não aberto á exploração. Como vês, vou indo para a frente e cada vez



mais cheio de esperanças, visto como ellas se estão transformando em realidades.

Pensei num livro sobre a America e juntei muito material precioso. Hoje estou frio. E' absurdo o livro que eu imagino - que dê a exacta sensação da America, por varias razões, entre as quaes o ter de ser escripto em portuguez. Não é lingua para tal livro. A America adiantou-se tanto de nós, está se diferenciando com tal rapidez que o vocabulario creado por aquelles ~~galegos~~ freires lusos, Pantalão do Aveiro, Luiz de Souza e que taes, de pouco uso é. Nossa lingua é o mesmo velho instrumento de pau que Portugal creou para uso de um paiz sem machinas, todo elle colher de pau, das idéas até o tamanco, modificado no Brasil por umas injeções do francez e ideas de negro, indio e rale' emigrantista europeia do sul. Não é instrumento que meça o pensamento americano e dê sensação dos seus valores. Nem a lingua ingleza de England já se presta in totum para o caso. Dahi a gallopada do American slanguinh - que é como um espirituoso chronista chama a American language.

paiz
Este significa, no material, a victoria da machina e no moral a victoria da efficiencia - que outra cousa não é o seu pragmatismo philosophico. O nosso ainda é pilão, monjolo, tamanco, colher de pau e moralmente scepticismo. Como pois pode um brasiliro, que ainda não sahio do borrarho e pois está de olhos fechados como gatinho novo, comprehender a America? Ha inibição do leitor por differença de mentalidade e inibição do autor por lack of language. Por isso I gave up todos os meus projectos de jamais escrever qualquer coisa sobre os ~~XX~~ E.U. - e estou assim livre de ser esculhambado publicamente pelos nossos esculhambadores de profissão, vulgo jornalistas.

Adeus, meu caro. Já devo estar te caceteando. Espera lá p Kilpatrick e o Times.

Do

Lobato

A Academia... Como fica pequenininha daqui.



Reg. n.º 1050.5
Em 14/3/1958